

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP)

PEDRO ENRIQUE ALVES FERREIRA

Carta Para a América: Uma Interpretação Geopolítica do 11 de Setembro

São Paulo

2023

PEDRO ENRIQUE ALVES FERREIRA

Carta Para a América: Uma Interpretação Geopolítica do 11 de Setembro

Trabalho de Conclusão de Curso pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
(PUC-SP)

Orientador: Professor Rodrigo Augusto Duarte Amaral

São Paulo
2023

“Tampouco devemos nos espantar de que os povos cometam vinganças inusitadas contra os que violentam sua liberdade.”

Maquiavel, N. *Discorsi Sopra la Prima Deca di Tito Livio*.
(1517, Livro Segundo, Pag. 198)

RESUMO

A proposta desta dissertação é interpretar o contexto do 11 de setembro através de uma lente isenta de juízo de valor, ou conotação moral, apoiada unicamente na lógica política persuasiva, e estratégica do evento. Com a finalidade de expor a racionalidade geopolítica do conflito e desconstruir possíveis falácias. Acima de tudo, o artigo não pretende buscar justificativas plausíveis para a violência, a violência voltada ao seu próprio fim não possui viés racional. Dito isso, o texto parte do pressuposto pessimista de que a violência é um recurso à mercê dos atores do sistema, sobretudo, inerente às disputas de poder nas relações internacionais e deve ser compreendida como tal.

Palavras-chave: 11 de Setembro. Guerra ao Terror. Estados Unidos. Osama Bin Laden.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 DO CONCEITO DE “TERRORISMO” POR HÉCTOR LUIS SAINT-PIERRE.....	8
3 DA POLÍTICA EXTERNA DOS ESTADOS UNIDOS: O DISCURSO DE GEORGE W. BUSH.....	10
3.1 O “NOVO TERRORISMO”	13
4 DE OSAMA BIN LADEN: CARTA PARA A AMÉRICA.....	15
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS	22

1 INTRODUÇÃO

Na manhã do dia 11 de setembro de 2001, a soberania militar dos Estados Unidos foi questionada no coração de seu próprio território, mas não por outra potência, e sim por uma organização terrorista chamada Al-Qaeda. Quatro aviões comerciais foram sequestrados por membros da Al-Qaeda e lançados contra três símbolos do poder hegemônico norte-americano, contabilizando cerca de 3.000 entre mortos e feridos. O primeiro ataque lançou dois aviões no ícone da economia estadunidense, o complexo de torres do World Trade Center, ou popularmente conhecido como Torres Gêmeas, em Nova York, atingindo e derrubando ambas estruturas. O segundo ataque acertou o Pentágono em Washington D.C, sede militar, e o último avião que tinha como alvo a Casa Branca, representação do governo, foi derrubado na Pensilvânia antes que pudesse alcançar o objetivo. Os Estados Unidos sofreu um golpe em território nacional sem precedentes em sua história. Fato é que, a retaliação norte-americana seguiu a via de uma vingança nos moldes estadunidenses, utilizando-se do mecanismo militar, articulado com o plano ideológico.

A esfera militar dos Estados Unidos, expressou seu poder na invasão, e ocupação, do Afeganistão em outubro de 2001, a investida foi um sucesso, em poucos meses derrubaram o governo Talibã e assumiram o poder. Entretanto, os líderes da Al-Qaeda, principais alvos da caçada, não foram encontrados. Somente no dia 2 de maio de 2011 em Abbottabad, no Paquistão, a vingança propriamente dita aconteceu, as forças americanas anunciavam com orgulho a morte de Osama bin Mohammed bin Awad bin Laden, popularmente conhecido na história como Osama bin Laden, líder da Al- Qaeda. E mais recentemente, no dia 31 de julho de 2022, o então líder da Al-Qaeda, e braço direito de Bin Laden, Ayman Mohammed Rabie al-Zawahiri, foi assassinado por um drone americano em Cabul, no Afeganistão. Joe Biden, presidente dos Estados Unidos, reitera ao dizer: “Agora fizemos justiça e esse terrorista já não existe mais”.

Não menos importante, não nos aprofundaremos nos pormenores do plano militar da história. Ao invés disso, concentremos nossos esforços nos detalhes do campo ideológico, discursivo, e político, que circula em torno do inédito golpe. O plano ideológico dos Estados Unidos que nos interessa teve seu auge no discurso do então presidente George W. Bush no dia 20 de setembro de 2001, este posicionamento foi exitoso em construir uma narrativa tendenciosa que tornou o ataque irracional, apolítico, e desvinculado da geopolítica internacional, e o enquadrado em uma estante do que viria a ser a definição de terrorismo a

partir deste ponto, caracterizado pela violência extrema e o fanatismo religioso. Por outro lado, o discurso ideológico de Osama Bin Laden contido em "*Letter to the American People*" (Carta para o Povo Americano), datado do dia 24 de novembro de 2004, revela motivações racionais, e principalmente políticas, que sustentaram a execução da investida, de maneira alguma aleatória, contra os Estados Unidos.

Historicamente a narrativa dos fenômenos das relações internacionais é contada a partir do ponto de vista dos vitoriosos, logo, a conjuntura que percorre o 11 de setembro não seria diferente, isso explica as contradições entre as narrativas supracitadas.

Os Estados Unidos emergiram dessa disputa vitoriosos no segmento militar e ideológico. Foi capaz de ocupar militarmente o Afeganistão durante anos, e, não obstante, construiu um consenso coletivo mundial acerca do significado de "terrorismo", de forma falaciosa, e partidária, a fim de favorecer seu interesse geopolítico no Oriente Médio. Essas e outras práticas compõem a política externa que conhecemos como "Guerra ao Terror".

Tendo em vista as incongruências entre as partes contrastantes, o objetivo da presente dissertação é dissecar a história que envolve o ataque terrorista perpetrado pela Al-Qaeda contra os Estados Unidos em 11 de setembro de 2001, sob uma lente racional, e imparcial, que concentra-se no ponto de vista estratégico político-militar da geopolítica presente nas disputas de poder nas relações internacionais. Analisando os antecedentes e motivações do ataque. De todo modo, a finalidade é distanciar-se, e desmistificar, dos discursos falaciosos, com conotações de teor moral que circundam a prática do terrorismo por completo. Examinando estes discursos como instrumentos estratégicos incorporados a um projeto de política externa.

A fim de obter êxito no propósito, é sobretudo imprescindível recorrer às contribuições teóricas de pensadores que são autoridade acadêmica na trama do terrorismo, como Héctor Luis Saint-Pierre, Reginaldo Mattar Nasser, e Robert Anthony Pape. Suas obras são um exímio esforço de definir conceitualmente o terrorismo de forma política, e concomitante, desconstruir a falácia da irracionalidade, e do fanatismo religioso, atrelada à prática dessa atividade.

2 DO CONCEITO DE “TERRORISMO” POR HÉCTOR LUIS SAINT-PIERRE

Em sua obra, “A Necessidade Política e Conveniência Estratégica de se definir “terrorismo” o autor Héctor Luis Saint-Pierre realiza um esforço intelectual voltado para abranger a prática do terrorismo dentro de uma estratégia de guerra não convencional, que busca desbalancear a disparidade de forças, desde o seu uso clássico até a modernidade, de maneira que facilita a compreender o fenômeno do 11 de setembro. Héctor afirma que o terrorismo não é uma novidade, sempre foi um companheiro da guerra, como um método de enfraquecimento da oposição por intermédio do medo. O único aspecto de novidade deste instrumento de batalha, é a atual internacionalização.

Hector explica que os obstáculos para se construir uma definição padrão de terrorismo, cria uma lacuna no imaginário coletivo que permite as potências ajustarem o significado de terrorismo visando atender seus interesses hegemônicos, difundido pelo o que o autor afirma ser uma “definição extensional”, isto é, que interpreta o conceito por uma lógica de inclusão ou exclusão, que produz uma lista que visa abranger os elementos dentro do conceito. Dessa forma, baseado nessa construção extensional, de forma tendenciosa, sem transparência sobre os critérios de avaliação, as grandes potências imperialistas elencam indivíduos, grupos, e países dentro do estigma de terrorista, visando irracionalizar, e descredibilizar, o teor político da causa, e justificar o uso da força armada repressiva (SAINT-PIERRE, 2003).

Uma vez que, a variável motivacional de cada grupo não pode superar o consenso conceitual acadêmico de terrorismo, Saint-Pierre enriquece sua obra ao afirmar que a Guerra do Golfo é um exímio exemplo da ineficácia de qualquer exército tradicional contra uma superpotência em uma guerra convencional, logo, o lado mais fraco tende a recorrer a duas vias. A arma nuclear e sua destruição massiva, entretanto, devido ao alto custo envolvido, é inacessível para grande parcela das organizações. Resta então compensar o desequilíbrio de poder militar pela outra via, através dos instrumentos da guerra assimétrica, guerra irregular, dentre eles, o artifício olofote deste artigo, o terrorismo. Atrativo aos grupos pelas suas características de acessibilidade, variedade de formas, baixo custo monetário, o efeito psicológico democrático, que se agrava e ganha notoriedade pela exposição dos ataques nas redes de comunicação, e o vetor de transnacionalização, isto é, a capacidade de se materializar em países diferentes ao de sua população de origem. Em suma, segundo Hector, em um cenário de desequilíbrio de capacidade militar, no qual não há recursos diplomáticos, ou instituições legítimas, que sejam eficientes na promoção da justiça e democracia, cria-se

uma lacuna para que a violência possa ocupar esse espaço de descontentamento político, seja da maneira convencional, ou irregular (SAINT-PIERRE, 2003).

Embora a violência do terrorismo almeje questionar a estrutura de poder vigente, isto não significa que o emprego dela seja desorganizado. É incorreto inferir que, se a força institucional é racional, logo, a violência que visa contestá-la é irracional. A violência neste caso não é um delírio desorientado e incontrolável dos grupos terroristas, ela pode ser compreendida como uma orientação estratégica com objetivo racional, definido e pontual. O teor estratégico da violência não está na sua gênese, em seu estado de natureza, nenhuma agressão pode ser considerada racional, mas sim em sua aplicabilidade, emprego dos artificios, e métodos, para atingir uma finalidade, ou seja, a racionalidade da ação (SAINT-PIERRE, 2003).

Visto estes atributos estratégico-militares inerentes ao terrorismo, torna-se então atrativo para os mais variados grupos utilizar-se do método para atingir seu objetivo seja para questionar a ordem hegemônica, ou expressar a aversão a determinado grupo étnico. O terrorismo é um meio para atingir um fim, não o fim em si mesmo. Portanto, compete a este estudo analisar o terrorismo como instrumento militar utilizado para expressar uma reivindicação política dentro do cenário de disputa militar assimétrica.

3 DA POLÍTICA EXTERNA DOS ESTADOS UNIDOS: O DISCURSO DE GEORGE W. BUSH

A princípio, o ataque de 11 de setembro, cumpriu seu objetivo estratégico, feriu o coração econômico e militar dos Estados Unidos, e afundou a sociedade em um estado de terror generalizado. Entretanto, embora já aguardassem um contra-ataque, a Al-Qaeda não imaginava a magnitude da retaliação estadunidense, o desejo irrefreável de vingança dominava os Estados Unidos. No primeiro momento, a política externa revanchista manifestou-se no plano ideológico sob a figura do então presidente, George W. Bush, em seu discurso de 20 de setembro de 2001. Conseqüentemente, o braço armado apresentou uma campanha esmagadora no mesmo ano, e, em pouco tempo, ocupou o Afeganistão.

Dito isso, concentremos em destrinchar as orações mais simbólicas do texto do presidente. Logo no início de seu pronunciamento Bush revela para o mundo os responsáveis pelo ataque e reitera,

Americans are asking: Who attacked our country? The evidence we have gathered all points to a collection of loosely affiliated terrorist organizations known as al Qaeda. They are the same murderers indicted for bombing American embassies in Tanzania and Kenya, and responsible for bombing the USS Cole (BUSH, 2001).

Por sua vez, Bush define a Al-Qaeda como uma organização terrorista composta por assassinos, conhecida entre a classe militar norte-americana por três ataques anteriores, e relembra três ataques antecedentes, na Tanzânia, Quênia, e o USS Cole (BUSH, 2001).

Em 7 de agosto de 1998, membros da Al-Qaeda atacaram simultaneamente as embaixadas dos Estados Unidos nas cidades de Nairóbi, no Quênia, e Dar es Salaam, na Tanzânia. As ofensivas somadas contabilizaram 224 mortes e mais de 5.000 feridos. A segunda agressão compete ao dia 12 de outubro de 2000, no qual uma ofensiva suicida atinge a embarcação norte-americana “*USS Cole*” no porto de Áden, no Iêmen, matando 17 marinheiros.

Visto este padrão sistemático de hostilidades, fica evidente que a Al-Qaeda já havia escolhido seu alvo, sua posição era de guerra declarada contra os Estados Unidos mesmo antes de 11 de setembro.

Bush prossegue condenando a Al-Qaeda,

But its goal is not making money; its goal is remaking the world — and imposing its radical beliefs on people everywhere. [...] The terrorists’ directive commands them to kill Christians and Jews, to kill all Americans,

and make no distinction among military and civilians, including women and children (BUSH, 2001).

Nas suas palavras, o presidente afirma que o objetivo da Al-Qaeda não é ganhar dinheiro, e sim reconstruir o mundo subjugando as pessoas mediante a sua religiosidade radical. Sua orientação radical ordena matar cristãos, judeus, e todos os americanos sem discriminação entre militares, civis, mulheres, ou crianças (BUSH, 2001).

Esta crítica diz respeito ao fator aleatório do terrorismo. Héctor Luis Saint-Pierre explica que, nenhuma violência em seu estado natural pode ser considerada racional, entretanto, a estratégia está contida na aplicabilidade visando atingir um objetivo. Neste caso não se trata de uma insanidade do grupo terrorista, e sim de uma orientação estratégica com objetivo definido. Portanto, a aparência de “desordem” do ataque, compete ao nível estratégico do seu emprego, uma vez que, devido à indiscriminação das vítimas, cria-se o sentimento de insegurança constante. Todo cidadão norte-americano sobrevivente também é um alvo a ser atingido através do terror psicológico, ao sentir-se um alvo em potencial de um futuro ataque (SAINT-PIERRE, 2003).

George Bush reitera seu posicionamento agregando um juízo de valor pejorativo. Em dois trechos distintos a palavra “mau” caracteriza a Al-Qaeda,

Those who commit evil in the name of Allah blaspheme the name of Allah. [...] They are recruited from their own nations and neighborhoods and brought to camps in places like Afghanistan, where they are trained in the tactics of terror. They are sent back to their homes or sent to hide in countries around the world to plot evil and destruction (BUSH, 2001).

Héctor explica este efeito que chamamos de “demonização”. Ao longo da história a palavra “terrorismo” acompanha a conotação negativa, entretanto, subjetiva e questionável. A mesma organização pode ser concomitantemente, terrorista, ou um exército de libertação. Essa categorização tem como critério apenas a lógica de reconhecer na figura do “outro” o inimigo, e ignora os objetivos políticos, e táticas utilizadas. Basicamente, é uma estratégia discursiva que aspira desumanizar, deslegitimar, evitar a adesão da população e subjugar a oposição política (SAINT-PIERRE, 2003).

Essa construção tendenciosa exprime uma posição controversa na história da política americana. Em 6 de dezembro de 1993, o jornal britânico “The Independent” publicou um artigo do jornalista Robert Fisk em entrevista exclusiva com Osama Bin Laden, e a manchete proclamava: “Anti-soviet warrior puts his army on road to peace”. A notícia compete ao período da Guerra-Fria em que o Afeganistão foi alvo da invasão soviética, e grupo

mujahidin afegão, guerrilheiros insurgentes, foram financiados pelo eixo capitalista. Segundo a rede de notícias “Al Jazeera”, Bin Laden afirmou que recebeu armas dos Estados Unidos, através da Operação Ciclone, e dinheiro da Arábia Saudita. Nesta época, Bin Laden era tido como um aliado em potencial do governo norte-americano, embora servindo apenas como instrumento para exaurir a influência soviética na região. Essencialmente cabe questionar a maneira com que a lógica de alianças dos Estados Unidos transforma-se com o tempo. Enquanto os inimigos eram os russos, Osama Bin Laden era um colaborador que recebia armas, porém, após o ataque de 11 de setembro, passou a ser um radical irracional que pretendia difundir o “mau”.

Não obstante, Bush determina a orientação de política externa que irá guiar os Estados Unidos no seu novo empreendimento no Oriente Médio conhecida como “Guerra ao Terror”,

And we will pursue nations that provide aid or safe haven to terrorism. Every nation, in every region, now has a decision to make. Either you are with us, or you are with the terrorists. From this day forward, any nation that continues to harbor or support terrorism will be regarded by the United States as a hostile regime. [...] This is the world’s fight. This is civilization’s fight. This is the fight of all who believe in progress and pluralism, tolerance and freedom. [...] The United States of America makes the following demands on the Taliban. [...] These demands are not open to negotiation or discussion. The Taliban must act, and act immediately. They will hand over the terrorists, or they will share in their fate (BUSH, 2001).

Por sua vez, Bush anuncia uma nova dicotomia pós guerra fria, e proclama ameaças aos que se puserem contrários a essas demandas. O presidente convoca o mundo inteiro para uma guerra que ele afirma ser uma guerra civilizacional, daqueles que acreditam no progresso, no pluralismo, na tolerância, e na liberdade. E difere os países entre aqueles que estão com os Estados Unidos, e aqueles que estão com os terroristas, estes serão perseguidos pelos norte-americanos como inimigos. Não suficiente, George Bush determinou uma série de demandas ao Talibã, grupo que governava o Afeganistão no período em questão, e estava associado à existência da Al-Qaeda no país. O presidente exigia que essas obrigações fossem cumpridas, caso contrário, o Talibã compartilharia o mesmo fim da Al-Qaeda (BUSH, 2001).

De forma concisa, o mecanismo de demonização aparece para, descredibilizar o inimigo e sustentar a retaliação, isto é, a depreciação associada ao “terrorista”, pretende justificar o uso de quaisquer meios para alcançar seu extermínio.

3.1 O “NOVO TERRORISMO”

A postura de definir o terrorismo dentro do seu eixo do mau de forma conveniente aos seus interesses, não se limita apenas no supracitado discurso de George Bush. Baseado nesta ideologia, Tony Blair, primeiro ministro inglês, comunicava a existência de um “novo terrorismo”. O Capítulo 3 “As Falácias do conceito de “Terrorismo Religioso”, de Reginaldo Mattar Nasser, na obra “Do 11 de Setembro de 2001 à Guerra ao Terror”, nos ajuda a compreender essa dinâmica. De acordo com Nasser, Tony Blair alegava que esse “novo terrorismo” não está pautado em objetivos políticos, pelo contrário, é unicamente alimentado pelo fanatismo religioso. Esta doutrina sustentou um consenso na política internacional que, não por acaso, apontava o fundamentalismo islâmico como engrenagem dos ataques terroristas pós-Guerra Fria, portanto, acreditava-se que uma transformação civil na sociedade muçulmana arruinaria esse vetor, estas tentativas de mutação manifestaram-se no sistema de “*nationbuilding*” empregado pelos Estados Unidos no Afeganistão, e no Iraque (NASSER, 2014).

Reginaldo Nasser é capaz de traduzir o pensamento dos teóricos do novo conceito. Steven Simon, e Daniel Benjamin, uns dos arquitetos do consenso, alegam que a natureza do terrorismo passou por uma mutação no que diz respeito a atores, aspirações, objetivos, e táticas, em comparação ao “velho terrorismo” do século XX. Sendo assim, os vetores basilares do “novo terrorismo” são inerentes à determinadas culturas e a religiões, são eles, a motivação religiosa radical, referindo-se ao islamismo, a violência extraordinária, e a ausência de estratégia política. Em contra partida, o “terrorismo tradicional”, acompanhava uma reinvenção política de carácter nacionalista (NASSER, 2014).

Embora o novo conceito de “novo terrorismo” não seja uma resposta direta aos atentados de 2001, pois recorre ao período de 1980, a concepção foi substancial no plano discursivo e midiático para personificar a identidade da Al-Qaeda para mundo, de forma instrumental para atender a demanda de vingança dos Estados Unidos. Sendo a Al-Qaeda o exemplo mais influente, os novos teóricos dizem que por mais que possam existir bases políticas e racionais no “novo terrorismo” elas não são suficientes sozinhas, só adquirem relevância devido ao aspecto da religião. Reginaldo Nasser questiona o pensamento de Simon e Benjamin, os teóricos da nova corrente alegam que Bin Laden e seus seguidores não tem objetivos políticos, seu fim está em apenas matar em grande escala (NASSER, 2014).

Esta tendência falaciosa classifica a força estatal tradicional como legítima, e as manifestações civis como terroristas, designados pelos métodos de violência bruta com

recursos limitados, perpetrados por um ator irracional, possuído por uma ideologia radical, insana e egoísta (SAINT-PIERRE, 2003).

4 DE OSAMA BIN LADEN: CARTA PARA A AMÉRICA

Em 1957, em Riade, Arábia Saudita, emergiu ao mundo o sujeito que futuramente seria o homem mais procurado do mundo, filho de Mohammed bin Laden, dono da maior construtora da Arábia Saudita, assim nascia Osama bin Mohammed bin Awad bin Laden. Esta seção do artigo compete em analisar os argumentos apresentados por Osama Bin Laden em sua carta "Letter to America" (Carta para a América) de novembro de 2002. Isto é, a construção retórica, e os vetores motivacionais que o impulsionaram a cometer o ataque de 11 de setembro. Baseado na grande insatisfação em relação a presença dos Estados Unidos no Oriente Médio.

Com o intuito de obter êxito nesta análise, nos apoiaremos majoritariamente no arcabouço teórico presente na obra "Cutting the fuse: the explosion of global suicide terrorism and how to stop it" de 2010, dos cientistas políticos Robert Pape, e James Feldman, autoridades acadêmicas no tema de terrorismo suicida.

Partindo deste pressuposto, iniciamos a leitura dos tópicos enunciados por Osama Bin Laden a partir do ponto de vista político e racional das relações internacionais.

In the Name of Allah, the Most Gracious, the Most Merciful, "Permission to fight (against disbelievers) is given to those (believers) who are fought against, because they have been wronged and surely, Allah is Able to give them (believers) victory" [Quran 22:39] (BIN LADEN, 2002).

Bin Laden inicia sua carta fazendo referência a uma passagem do Alcorão que em nome de Allah, concede aos devotos permissão para lutar contra os descrentes, sobre uma lógica de injustiça, Allah é capaz de torná-los vitoriosos (BIN LADEN, 2002).

O capítulo 1 de "Cutting the fuse", explica que: "Even when religion matters, moreover, it functions mainly as a recruiting tool in the context of national resistance" (PAPE, FELDMAN, 2010, pg, 20). O uso da religião é um dos alicerces do discurso pois faz parte do contexto sócio-cultural da região, e serve como método de engajamento popular, isto não significa que o terrorismo tenha raízes no islamismo.

Por sua vez, Bin Laden utiliza sua carta para reagir diretamente as perguntas feitas no discurso de George Bush,

While seeking Allah's help, we form our reply based on two questions directed at the Americans: (Q1) Why are we fighting and opposing you? Q2)What are we calling you to, and what do we want from you? [...] As for the first question: Why are we fighting and opposing you? The answer is very simple: (1) Because you attacked us and continue to attack us. (BIN LADEN, 2002).

Bin Laden responde dizendo que atacou os Estados Unidos, pois foi atacado primeiro, e continua sendo, e prossegue em tom ameaçador,

You attacked us in Palestine: (i) Palestine, which has sunk under military occupation for more than 80 years. The British handed over Palestine, with your help and your support, to the Jews, who have occupied it for more than 50 years; years overflowing with oppression, tyranny, crimes, killing, expulsion, destruction and devastation. The creation and continuation of Israel is one of the greatest crimes, and you are the leaders of its criminals. And of course there is no need to explain and prove the degree of American support for Israel. The creation of Israel is a crime which must be erased. Each and every person whose hands have become polluted in the contribution towards this crime must pay its price, and pay for it heavily [...] you have not yet tired of repeating your fabricated lies that the Jews have a historical right to Palestine [...] This is one of the most fallacious, widely-circulated fabrications in history. The people of Palestine are pure Arabs and original Semites [...] If the followers of Moses have been promised a right to Palestine in the Torah, then the Muslims are the most worthy nation of this (BIN LADEN, 2002).

O líder da Al-Qaeda acusa os Estados Unidos de atacar primeiro, referindo-se à inerente influência norte-americana na criação de Israel. E afirma que o território está sob domínio estrangeiro há mais de 80 anos, e que os britânicos apoiados pelos Estados Unidos entregaram a Palestina aos judeus e os protegeram, mediante uma falácia na qual os judeus têm direito histórico ao território, e este processo culminou em agressão, chacina, tirania, espoliação de riquezas e expulsão da população palestina. E sentencia que a criação de Israel é um crime, e que cada indivíduo que contribuiu para isso, deve pagar caro por isso (BIN LADEN, 2002).

Bin Laden compromete-se em sua ameaça em,

(iii) The blood pouring out of Palestine must be equally revenged (BIN LADEN, 2002).

Prometendo que todo sangue derramado da Palestina, oriundo do genocídio contra o população palestina, deve ser igualmente vingado.

O saudita prossegue perseguindo e denunciando sua insatisfação em relação à presença norte-americana através de apoio internacional ou o uso de governos fantoches.

(b) You attacked us in Somalia; you supported the Russian atrocities against us in Chechnya, the Indian oppression against us in Kashmir, and the Jewish aggression against us in Lebanon. [...] (c) Under your supervision, consent and orders, the governments of our countries which act as your agents, attack us on a daily basis [...] You have starved the Muslims of Iraq, where children die every day. It is a wonder that more than 1.5 million Iraqi children have died as a result of your sanctions, and you did not show concern. Yet when 3000 of your people died, the entire world rises and has not yet sat down. (BIN LADEN, 2002).

Bin Laden aponta para os governos fantoches que atacam os muçulmanos diariamente, e responsabiliza os Estados Unidos por, afundar o Iraque em uma crise humanitária, apoiar a opressão do governo da Índia contra os muçulmanos insurgentes da Caxemira. Por dar suporte às barbaridades russas cometidas contra os islâmicos da Chechênia do movimento separatista contrário à dominação Russa. Na Somália, trata-se da invasão norte-americana em Mogadíscio em dezembro de 1992, sob o pretexto da operação "Restore Hope", uma missão humanitária da ONU. E no Líbano denuncia o apoio dos Estados Unidos a Israel em suas incursões no país com o objetivo de eliminar a Organização de Libertação da Palestina (OLP).

Tendo em vista as acusações supracitadas, prossegue o saudita,

These tragedies and calamities are only a few examples of your oppression and aggression against us. It is commanded by our religion and intellect that the oppressed have a right to return the aggression. Do not await anything from us but Jihad, resistance and revenge. Is it in any way rational to expect that after America has attacked us for more than half a century, that we will then leave her to live in security and peace?!! (BIN LADEN,2002).

Após elencar as atrocidades, Bin Laden afirma que o que resta é retribuir essa agressão, pois não seria racional, após meio século de opressão, deixar a América viver em paz.

Na obra, *Cutting the Fuse* no capítulo 1: "*Why Occupation Ignites Suicide Terrorism*" os autores explicam,

Examination of the universe of suicide terrorist around the world from 1980 to 2003 shows that the principal cause of suicide terrorism is resistance to foreign occupation, not Islamic fundamentalism. (PAPE; FELDMAN, 2010 pg,20).

Em suma, uma análise da atividade terrorista suicida, no caso do 11 de setembro, aponta que a principal motivação é a ocupação estrangeira, da qual Bin Laden denuncia em sua carta, e não o fundamentalismo islâmico (PAPE; FELDMAN, 2010). Entretanto, cabe questionar a transnacionalidade do atentado, já que as reivindicações da Al-Qaeda se referem à intrusão dos Estados Unidos em diversos países. Pape e Feldman explicam que o motor do terrorismo suicida transnacional pode ser compreendido a partir da expansão da ocupação estrangeira, como um paralelo. O terrorista que se identifica com uma causa que excede o seu território, como por exemplo, etnia, religião, e passa a identificar no conflito que ocorre no país vizinho, contra um indivíduo que compartilha da mesma identidade étnica, uma ameaça à própria vida. Sobretudo, constrói-se um efeito de comunidade em torno da defesa desses

valores, que sobrepõe o nacionalismo terrorista como conhecemos (PAPE; FELDMAN, 2010). Esta expressão de comunidade leal é facilmente encontrada na carta de Osama Bin Laden, nos trechos em que são enumeradas as agressões dos Estados Unidos contra a comunidade muçulmana.

Os autores resgatam a declaração de um dos perpetradores do ataque de 11 de setembro para explicar o sentimento de comunidade relacionado a transnacionalidade do terrorismo, Hamza Al-Ghamdi diz:

“And I say to America: if it wants its armies and people to be safe, then it must withdraw all of its forces from the Muslim lands and depart from all our countries. If not, then let it await the men, prepare its coffins and dig graves for its citizens” (PAPE; FELDMAN, 2010, pg 23).

Em suas palavras, caso a América queira sentir-se segura, deve retirar-se de todo território muçulmano, caso contrário a morte aguarda a população norte-americana.

Bin Laden responde a afirmação de George Bush que condena a Al-Qaeda por odiar a liberdade, e o modo de vida ocidental. Por sua vez, o saudita ironiza e responde questionando que se esse fator fosse verídico, estaria atacando a Suécia também.

Contrary to Bush’s claim that we hate freedom. If so, let him explain why we don’t strike for example—Sweden?” (PAPE; FELDMAN, 2010, pg 51).

Não obstante, Osama Bin Laden explica o fator de aleatoriedade do terrorismo,

You may then dispute that all the above does not justify aggression against civilians, for crimes they did not commit and offenses in which they did not partake[...] the American people are the ones who choose their government by way of their own free will; a choice which stems from their agreement to its policies. Thus the American people have chosen, consented to, and affirmed their support for the Israeli oppression of the Palestinians, the occupation and usurpation of their land, and its continuous killing, torture, punishment and expulsion of the Palestinians [...] The American people are the ones who employ both their men and their women in the American Forces which attack us. This is why the American people cannot be not innocent of all the crimes committed by the Americans and Jews against us (BIN LADEN, 2002).

O saudita defende que o ataque a civis não é de toda via aleatório ou descomedido, em suas palavras, o povo americano é responsável por eleger os políticos que oprimem a população palestina, logo, o cidadão americano não pode ser considerado totalmente inocente.

O líder da Al-Qaeda aconselha os Estados Unidos a abandonar os assuntos do Oriente Médio em tom de ameaça explícita, pois caso contrário, os americanos retornarão à América

em caixões. Sobretudo, convoca os americanos para uma relação diplomática bilateral de interesse mútuo, esse movimento revela a face racional e estratégica do líder saudita.

We also advise you to pack your luggage and get out of our lands. We desire for your goodness, guidance, and righteousness, so do not force us to send you back as cargo in coffins [...] We also call you to deal with us and interact with us on the basis of mutual interests and benefits, rather than the policies of sub dual, theft and occupation, and not to continue your policy of supporting the Jews because this will result in more disasters for you (BIN LADEN, 2002).

E da mesma maneira que George Bush fez, Osama Bin Laden ameaça ir para a luta, caso a sua demanda não seja atendida.

If you fail to respond to all these conditions, then prepare for fight with the Islamic Nation (BIN LADEN, 2002).

Com essa análise podemos concluir que Bin Laden enumera diversas questões que o motivou a declarar guerra aos Estados Unidos. Por mais que fatores religiosos estejam presentes, não são essas as bases que sustentam o discurso. O saudita reivindica a liberdade de existência dos muçulmanos ao redor do mundo e principalmente a retirada da ocupação estrangeira ocidental no Oriente Médio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No dia 4 de julho de 1821, o sexto presidente dos Estados Unidos John Quincy Adams discursou apresentando a seguinte declaração: “But she goes not abroad, in search of monsters to destroy” (ADAMS, 1821). O então presidente defendia uma política externa contida e isolacionista, na qual os Estados Unidos não iria empregar esforços em “procurar monstros para destruir”.

Todavia, de acordo com Héctor Luis Saint-Pierre:

num mundo cuja novidade consiste na hegemonia incontestada de uma superpotência com interesses globais, onde a realização desses interesses dificilmente se completa sem ferir outros, a colheita de ódio torna-se inevitável (SAINT-PIERRE, 2003, pg. 132).

Ou seja, ao contrário do que desejava John Quincy Adams, a política externa americana contemporânea seguiu a orientação expansionista e imperial, buscando mundo afora “monstros para destruir” com o objetivo de sobressair-se como uma superpotência incontestável.

Em entrevista ao jornal Folha de São Paulo, o especialista Robert Pape declara:

Ao se analisar todos os ataques suicidas cometidos por organizações não-governamentais desde 1980, verifica-se que 95% delas tiveram motivação nacionalista ou secular. Apenas 5% teriam cunho religioso, o que pode ocorrer em qualquer tipo de ataque, não apenas suicida[...] Todos os líderes da rede terrorista Al Qaeda já deixaram claro que querem a desocupação de territórios ocupados por forças ocidentais[...] Não se trata de uma motivação religiosa, mas territorial ou política (PAPE, 2006).

A política externa norte-americana que visa atingir seus objetivos de dominação hegemônica, faz com que medidas intervencionistas sejam adotadas, por sua vez, esta presença indesejada no território ocupado é o vetor motivacional da prática do terrorismo dentro de um cenário de disparidade de forças. Sobretudo se trata de um sistema de causas e consequências que se retroalimenta, uma vez que os Estados Unidos desenvolvem uma atividade hegemônica, cria-se um rancor por parte dos atores afetos, que ao se revoltarem tornam-se alvos das investidas norte-americanas. Esse fenômeno é o responsável por produzir os inimigos dos Estados Unidos. Destes inimigos, os mais clássicos, já foram os nazistas, os soviéticos, e, como vimos ao decorrer do artigo, os “terroristas”.

Em suma, em contrapartida ao posicionamento da mídia ocidental, o atentado terrorista de 11 não é fruto de uma premissa islâmica radical e irracional, muito pelo contrário, a gênese do ataque está na presença americana nos assuntos do Oriente Médio no século XX. A revolta contra essa interferência externa engajou Osama Bin Laden e

principalmente os membros da Al-Qaeda, mortos no ataque, em um feito sem precedentes na história.

REFERÊNCIAS

AL Jazeera (18 de março de 2018) Profile: Osama bin Laden. AL Jazeera. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2018/3/18/profile-osama-bin-laden>>(Data de acesso: 03/06/2023).

BUSH, George W. (2001). **Address to the Joint Session of the 107th Congress**. United States Capitol. Washington D.C. September 20.

CNN (01 de agosto de 2022). “Fizemos justiça, não há mais que temê-lo”, diz Biden sobre morte de líder da Al Qaeda. Jornal CNN Brasil. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/fizemos-justica-nao-ha-mais-que-teme-lo-diz-biden-sobre-morte-de-lider-da-al-qaeda/>> (Data de acesso: 28/06/2023).

Diário de Notícias (09 Setembro 2016). O segundo grande ataque da Al-Qaeda aos EUA. Jornal Diário de Notícias. Disponível em: <<https://www.dn.pt/mundo/o-segundo-grande-ataque-da-al-qaeda-aos-eua-5379615.html>> (Data de acesso: 03/06/2023).

História do Mundo (2023). Conflito na Chechênia. História do Mundo. Disponível em: <<https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/conflito-na-chechenia.htm>> Data de acesso: 20/04/2023).

Independent (04 de novembro de 2020). 6 December 1993: Anti-Soviet warrior puts his army on the road to peace. Independent. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/news/long_reads/robert-fisk-osama-bin-laden-interview-sudan-1993-b1562374.html> (Data de acesso: 09/06/2023).

Memória Globo(28 de outubro de 2021) Guerra do Líbano-1982 e 2006. Jornal Memória Globo. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/guerra-do-libano-1982-e-2006/noticia/guerra-do-libano-1982-e-2006.ghtml>> (Data de acesso: 03/06/2023).

NASSER, Reginaldo. (2014). As Falácias do Conceito de “terrorismo Religioso”, in: SOUZA, André de Mello; NASSER, Reginaldo; FRACALOSSO, Rodrigo. **Do 11 de setembro de 2001 à guerra ao terror : reflexões sobre o terrorismo no século XXI**. Brasília: Instituto de Pesquisa em Economia Aplicada. 2014, pp. 45-55.

PAPE, Robert, FELDMAN, James. (2010). Why Occupation Ignites Suicide Terrorism, in: PAPE, Robert, FELDMAN, James. **Cutting the fuse: the explosion of global suicide terrorism and how to stop it**. pp. 19 – 42. Chicago: The University of Chicago Press.

Recompensas pela Justiça (2023). Ataque Terrorista Contra as Embaixadas dos EUA no Quênia e na Tanzânia. Rewards For Justice. Disponível em:
<<https://rewardsforjustice.net/pt-br/rewards/ataque-terrorista-contra-as-embaixadas-dos-eua-no-quenia-e-na-tanzania/>> (Data de acesso: 03/06/2023).

Revista Inteligência. Vinte anos depois: a batalha de Mogadíscio revisitada. Revista Inteligência. Disponível em:
<<https://inteligencia.insightnet.com.br/vinte-anos-depois-a-batalha-de-mogadiscio-revisitada/>> (Data do acesso:03/06/2023).

SAINT-PIERRE, Héctor. (2003). **A Necessidade Política e Conveniência Estratégica de se definir “terrorismo”**. Idéias, Campinas.

Speech to the U.S. House of Representatives on Foreign Policy (1841). **John Quincy Adams, Secretary of State**, 4 July.

The Guardian (24 de novembro de 2002). Texto completo: 'carta para a América' de Bin Laden. Jornal The Guardian. Disponível em:
<<https://www.theguardian.com/world/2002/nov/24/theobserver>>(Data de acesso:20/04/2023).

Folha de São Paulo (13 de agosto de 2006). Ocupações impulsionam terror, diz especialista. Jornal Folha de São Paulo. Disponível em:
<<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1308200614.htm>>(Data do acesso:03/06/2023).